

*“Aí está Amiga, a casa  
Pronta, a porta aberta, a mesa  
Posta: uma casa feita  
De canções cantadas por todo o Brasil  
(Com abatimento pra estudantes). Aí está ela  
Amada, projetada sobre o oceano, e cujo silêncio  
É perturbado apenas pelo marulho constante  
Das ondas que espadanam rendas brancas  
Nas negras rochas de Itapuã: “a pedra que ronca  
Segundo a língua-geral. Jamison Pedra  
E Sílvio Robatto, os amigos aruquitetos  
Ambos baianos de boa cepa, fizeram  
Um belo trabalho, com as duas torres laterais em hexágono  
(Uma das quais é o teu solário) e os dois telhados superpostos  
Em rampa suave, apontando o mar. Uma casa branca e brique  
Com elementos azuis e nenhum bric-à-brac: alvenaria  
Telhas coloniais, madeira, couro e vime só eles capazes  
De resistir ao salitre que o vento atira feroz  
Contra os metais. Uma casa  
De amplas varandas de lajeota e muitas redes  
Para o teu entregar-se à doce brisa atlântica  
Que te enreda os cabelos: 400m<sup>2</sup> de área construída  
Bastantes, creio, para o teu gesto e a tua dança  
(E o teu invariável banzo das segundas-feiras)  
Elisinho Lisboa, o engenheiro, deu-lhe  
Um perfeito acabamento, e Francisco, o mestre-de-obras  
E Jonas, o carpinteiro, foram seus mais fiéis operários, comandando  
Os alvaneis com grande zelo e competência. Uma casa  
Baiana, feita por baianos para abrigar  
Tua baianice máxima, sonhada*

*Desde os idos cariocas, assim  
A cavaleiro do mar e espraiada entre coqueiros  
Que à noite parecem entregar-se a estranhas liturgias.  
Construída em três níveis, tudo nela  
É madeira de lei, desde  
As grandes vigas e barrotes que sustentam o telhado em telha-vã do térreo e  
da varanda  
E o destemeroso lance que sobe sem corrimão  
Ao pequeno girau abalaustrado onde se acha a mesa de comer:  
E do qual partem também a bela escada em degraus vazados  
Com que mestre Calasans Neto pacificou os interiores em íntimos tons  
crepusculares  
Até o soalho de cima (tirante os forros de vinhático)  
Tudo é puro pau d'arco  
Que se faz cada dia mais fidalgo à medida que sucessivas mãos de cera  
Lhe vão dando lustro e espelho. Sim, Amiga  
Aqui nada pode o vento Sul  
Contra a densa integridade desses átomos  
E o salitre diverte-se apenas em corroer velhos objetos  
...  
No andar de cima, como no térreo, todo  
Aberto sobre as águas e as dunas de Itapuã em amplas janelas  
De vidro temperado, os quartos de dormir  
Convidam a fazer nada: e nada há de ser feito, Amada, nesta casa  
Contra o instinto. Aqui há de ser sempre  
Calções de banho, tangas e bermudas  
Sandálias, pés descalços  
Corpos cheirando a mar  
De amigas e de amigos  
Sorrisos claros, bocas satisfeitas*

*E a brisa subreptícia*

*Fazendo festa em úmidas axilas*

*Penetrando entre nádegas e seios*

*Aqui, Amiga*

*Plantarei o meu sonho e a minha morte. E no pequeno*

*Escritório que dá vista pro Farol pintado em branco e ocre*

*Sentado à velha mesa espessa e corrugada*

*Como eu, pela vida e pelo tempo*

*Os olhas pausados nos horizontes azuis do mar-oceano*

*Conferente diário de auroras e poentes indizíveis*

*De beleza e amplidão, eu seguirei tentando*

*Descobrir como salvar o mundo, como*

*Justificar o homem, como romper os pórticos da Poesia*

...

*Grávido de amor e de canções. E vendo ao alvorecer*

*Os pescadores caminhando sobre o mar com seus pés de jangada*

*Acenar-lhes meus votos de bom dia, bom peixe*

*E bom regresso. E vinda a noite*

*Ir tomando de leve o meu porrinho*

*De modo a disfarçar essa grande tristeza de saber*

*Que nada vai poder ser*

*Na minha vez e minha hora*

...

*Retomar o cotidiano, olhando o mar*

*Sem vê-lo, tentando adivinhar as horas*

*Pela chegada e partida dos jatos, antecipando*

*A alegria de ir visitar Auta Rosa e Calasans, aí pelo meio-dia*

*Em sua casa da Rua da Amoreira, e mergulhar*

*Nas águas mornas de Itapuã, com direito*

*A uma cerveja na barraca de Pombo ou uma "batida"*

*Na de Galo; e de quando em quando, desafiando o diabetes  
Um campari-soda no “Língua de Prata”, acompanhado de “lambretas”*

*Pernas de siri ou camarões fritos no azeite.*

*Sim, Amada, aí tens a tua casa*

*Feita de praia e mar e Sol e ventos*

*E grandes céus azuis e dunas brancas*

*E imensos coqueirais e muito sonho*

*E muita solidão. Tu a decoraste*

*Com o melhor do teu gosto, tua graça*

*Tua altivez e tuas artimanhas*

*De índia. Aí está ela. Toma-a*

*É tua casa, simples e concreta*

*Tua, só tua, imensamente tua*

*Para que nela vivas sempre nua*

*Com teu céu, com teu mar, com tua Lua*

*E o teu triste e amantíssimo Poeta.”*

*Vinícius de Moraes*

*Itapuã, 19.10.1974*